



## O EDUCADOR INACIANO NA PANDEMIA

### - Pontos e Contrapontos –

Cleiton Gretzler, Camilo Birk e Maria Isabel Xavier

#### RESUMO

O texto apresenta o contexto de mudança pelo qual as instituições educativas vêm passando no cenário da pandemia do COVID-19, reforçando a importância da discussão acerca da implementação de uma proposta de formação continuada que conecte teoria e prática em dialética reflexão, ação e retroalimentação e que parta da escuta de todos os atores da comunidade educativa. Reafirma-se a centralidade dos estudantes nas reformulações e mudanças pedagógicas implementadas para fazer frente ao momento de crise paradigmática enfrentado, reconhecendo-se a necessidade de que se façam novas escolhas, que superem a obsolescência das concepções pedagógicas tradicionais e que respondam às interpelações do momento à luz do discernimento inaciano. No momento em que o Colégio Anchieta completa 131 anos de trabalho com a educação, reconhecem-se as incertezas configuradoras da época pós-moderna e os desafios diante das dificuldades de comunicação, de concentração e de adaptação de estudantes e professores ao modelo híbrido de ensino, instaurado em função da pandemia. Assinalam-se a despersonalização do ensino, o agravamento da dispersão e da desmotivação dos estudantes e se buscam novos caminhos pedagógicos, partindo do reconhecimento da relevância das tecnologias e das metodologias ativas, vistas não como um fim em si mesmas, mas como estratégias fundamentais num projeto mais amplo de formação continuada, de cunho crítico e colaborativo, que vise, acima de tudo, à preparação dos estudantes para o protagonismo e para o exercício de uma cidadania emancipatória inspirada nos ideais da Companhia de Jesus.

**Palavras-chave:** crise educacional - formação continuada - metodologias ativas - mudança paradigmática (inovação e mudança em fidelidade criativa) – tecnologias educacionais – novos processos didático-pedagógicos (de qualidade e de profundidade) – novas competências e habilidades – protagonismo estudantil.

#### ABSTRACT

This text presents the context of change, in which the educational institutions have been experiencing in the COVID-19 pandemic scenario, reinforcing the importance of the discussion about the implementation of a proposal of continuous training that connects theory and practice into dialectic reflection, action and feedback that come all from the educational community protagonists.

Restating the students' centrality in the reformulations and pedagogical changes implemented to face the moment of paradigm crisis confronted, recognizing the need to make choices that overcome obsolescence of the traditional pedagogical conceptions and that these implementations answer the demands of the moment in the light of Ignation insight.

In the moment Colégio Anchieta turns 131 years working with education, we can acknowledge the configuring uncertainties of the postmodern age and the challenges in the face of communication difficulties, concentration, and the adaptation of the students and teachers to the hybrid model of teaching, instituted due to the COVID-19 pandemic.

The depersonalization of teaching is highlighted, the aggravation of dispersion, the lack of motivation of students, and new pedagogical paths are sought, starting from the recognition of the relevance of technologies and active learning, seen not with an end in itself, but as fundamental strategies in a broader project of continuous training, of critical and collaborative nature, which aims, above all, at the students' education qualification for protagonism and for the exercise of emancipatory citizenship inspired on the ideals of the Society of Jesus.

Key Words: education crisis, postmodern context, continuous training, active learning, paradigm shift with quality and depth, educational technologies.



## 1. O CONTEXTO DE CRISE E A AMPLITUDE DE SEUS IMPACTOS

Para além da crítica da dicotomia entre formação para a excelência humana e acadêmica, proponho uma reflexão que dialogue com o contexto de mudança pelo qual as instituições educativas vêm passando no cenário da pandemia do COVID-19, o que corrobora e aprofunda a discussão acerca da importância de uma formação que conecte teoria e prática em dialética reflexão, ação e retroalimentação. Isto é possível mediante uma formação continuada de nossos professores e o desenvolvimento de novas competências, capazes de engajar a comunidade educativa na construção do pensamento científico que problematize a realidade, a partir de novas formas de aprendizagem e, o acompanhamento à docência, num contexto particularmente desafiador.

Os impactos da COVID-19 na constituição da cultura escolar foram imensos e potencializaram um avanço nunca antes pensado do lugar das mídias (TIC's) na organização curricular e dos processos educacionais de que lançamos mão para alcançar mais e melhores aprendizagens. É possível afirmar que não houve na história da educação um fato que gerou, em tão curto espaço de tempo, uma mudança de conceitos, das práticas educativas, bem como de um amplo diálogo entre gestores, professores, famílias e estudantes.

A necessidade de criar alternativas para esse momento colocou no mesmo nível de intersubjetividade estudantes,

professores, famílias e gestores pedagógicos. Desse movimento, surgiram inovações, propostas de entrega pedagógica, capacitações docentes, um maior acompanhamento das famílias a seus filhos, além de uma maior autonomia e protagonismo dos estudantes. Esse momento histórico de inovação, vivido pela educação, contou com o apoio mútuo de todos os atores do espaço educativo e pode ser visto de forma positiva e potente para uma mudança da profissão docente. Imbernón (2011) coloca que a relação entre inovação educativa e profissão docente deve ser entendida como pesquisa educativa na prática.

A meu ver, o professor e as condições de trabalho em que exerce sua profissão são o núcleo fundamental da inovação nas instituições educativas; mas talvez o problema não esteja apenas nos sujeitos docentes, e sim nos processos políticos sociais e educativos (IMBERNÓN, 2011, p. 21).

Dialogando com o mesmo autor, é importante trazer presente, para além da complexidade inerente a um processo pessoal de mudança e o aprendizado de novas competências, que a escola está inserida num contexto, naquela ou em outra comunidade humana que também tem no seu *ethos* um modelo ideal de educação. O momento pós-pandêmico será importante para entender a qualidade das opções realizadas na educação, bem como a importância da participação da comunidade nas decisões e perspectivas pedagógicas.

O professor ou professora não deveria ser um técnico que



desenvolve ou implementa inovações prescritas, mas deveria converter-se em profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível. (IMBERNÓN, 2011, p. 21).

Em parte, o processo vivido no espaço de atuação – Colégio Anchieta de Porto Alegre – se coaduna com o pensamento de Imbernón, mas não é possível afirmar que tenha sido flexível. O ambiente proporcionado gerou mudanças abruptas e contou com um elevado grau de engajamento dos profissionais, gestores e famílias para adaptarem “o fazer pedagógico” diante do infortúnio.

Em 2020, o Colégio Anchieta comemorou 130 anos de história e planejou intensamente todos os detalhes desse importante acontecimento institucional. Não obstante, o contexto de crise, reflexo da pandemia, exigiu novas soluções para que as aprendizagens - possíveis no ensino básico - pudessem acontecer. No seu tempo e contexto, Inácio de Loyola, ao entrar no exército espanhol em 1517, também deve ter planejado sua vida e sua carreira. No entanto, ferido em combate ao defender a fortaleza de Pamplona, sitiada pela França em 1521, sua carreira militar foi abruptamente interrompida e durante o período de recuperação do ferimento na perna converteu-se a um novo modo de vida.

Na convalescença, desejava leituras de romances de cavalaria para

se entreter. Não havendo tais livros em Loyola, deram-lhe a *Vita Christi* o *Flos Sanctorum* (Vidas dos Santos). A leitura propiciou um movimento peculiar em seu íntimo. Ao pensar em sua vida pregressa e na vida de Cristo e nas obras dos Santos, Inácio percebia uma mudança substancial. A sua vida na corte e as suas conquistas militares e amorosas suscitavam sentimentos de alegria e de prazer momentâneos, enquanto a reflexão sobre a vida dos Santos e o que realizaram, sentimentos de satisfação e de alegria que permaneciam por horas e/ou dias.

No decorrer do tempo, deu-se conta de que, em seu íntimo, digladiavam-se dois espíritos contrários: um bom, outro mau. E, aqui Inácio revela-se notável psicólogo. Sem auxílio de outrem, estuda as reações interiores, reflete sobre elas, analisa-as e conclui ser uma das moções provocadas por Deus e a outra pelo demônio. Trata-se nada mais nada menos do que do famoso discernimento dos espíritos, tão importante nos Exercícios Espirituais (ULLMANN, 1991, p. 44).

Na atual crise, é necessário discernir, a partir das moções do espírito, qual a força propulsora presente no Colégio? O espírito do bem ou do mal? Isto pode ser percebido a partir do clima interno do grupo de profissionais que compreenderam o momento adverso e se “converteram”- com grande liberdade, mudando suas práticas de ensino - e do grupo que - influenciado por forças externas, além do corona-vírus - se fechou ao contexto e negou a necessidade de assumir novas formas de ensino e



aprendizagem na pandemia. É importante ressaltar que a centralidade do processo de mudança e da missão institucional são os estudantes. A grande maioria deseja aprofundar seus conhecimentos, a partir da nova modalidade ofertada. Alguns, porém, têm dificuldades em virtude da imaturidade e da falta de autonomia, necessárias ao ensino 'híbrido', que tem uma parte presencial e outra online.

Os gestores das instituições educativas são constantemente desafiados a discernir os elementos presentes no contexto, a fim de perceber o que é de Deus e o que não é. O discernimento, segundo os Exercícios Espirituais, é a chave de resposta às interpelações de parte dos profissionais e das famílias do Colégio. Seguindo a lógica de Inácio de Loyola, somos instados a desenvolver possibilidades e caminhos para orientar a proposta educativa da educação básica em tempos de dispersão dos estudantes, das famílias e dos profissionais como os da pandemia do COVID-19.

Ao discutir a crise institucional de formação docente, Imbernón (2009) acredita que o sistema educativo está ultrapassado e pede uma pausa para escutar novas vozes. Mas, será que a "pausa" causada pela pandemia é suficiente para superar uma educação obsoleta?

É preciso uma nova forma de ver a educação, a formação e o papel do professorado e do alunato. Abre-se uma imensa pausa, na qual estamos instalados, alguns incomodamente. Esse desconforto leva à busca de novas coisas, a começar a ver se é

possível vislumbrar alternativas e antigas e novas vozes começam a superar sua afonia para narrar o que sabem sobre o ensino e a formação (IMBERNÓN, 2009, p. 16).

É mister que a formação da docência incorpore novos elementos socioculturais. Ter tempo de "pausa", para Inácio de Loyola, é tempo para discernir os espíritos, ampliando a conexão entre teoria e prática, dentre outros. Não obstante, há que se ter cuidado com modelos ultrapassados, colocados como referência, pretensamente capazes de mudar significativamente a realidade da educação mundial.

Porém, também é verdade que nos últimos anos, sobretudo naqueles países em que governou ou governa a direita conservadora, aplicando um neoconservadorismo galopante para a educação, adveio o "desânimo", ou talvez o desconcerto, não só entre o coletivo de professores e professoras, mas também em todos os que de uma ou outra forma se preocupam com a formação (IMBERNÓN, 2009, p. 16).

Diante dessa realidade, faz-se necessário discernimento inaciano para compreender a realidade, não para negar que a educação - apesar de sua longa trajetória - não tenha inúmeros desafios pela frente, em virtude da falta de diálogo e de coerência das licenciaturas das escolas de formação do professorado. Enfim, de que forma é possível realizar uma formação permanente para alcançar as reformas educativas pertinentes às reais necessidades dos tempos que vivemos? Paradoxalmente, há muita formação, mas poucas mudanças e/ou "conversões", segundo Santo Inácio.



Para Imbernón (2009), existe uma grande quantidade de capacitações de professores, mas continuam focando em uma formação transmissora e uniforme para todos. Os seus conteúdos não dialogam com os problemas reais e a problematização fica no nível básico e não propicia uma inquietude nos estudantes. Não geram conhecimento em níveis de aprofundamento necessário para compreender a complexidade do contexto hodierno e nele poder viver com tranquilidade.

## 2. O COLÉGIO ANCHIETA DIANTE DOS DESAFIOS DA PANDEMIA

Tempos de pandemia geram sentimentos de incerteza, transtornos, perplexidades, medos e, por vezes, grandes dificuldades de adaptação às novas realidades. Exigem mudanças de comportamentos e adequações de condutas profissionais - individuais e coletivas - para que possamos lidar criativa e sabiamente com as situações de exceção. Épocas de mudanças trazem a “falência das certezas” (Brigogine, 1996) e a ação de educar não está inerte à “incerteza” (Bauman, 1999). Isto é pós-modernidade.

Segundo Ortega Y Gasset (1963), “eu sou eu e minhas circunstâncias”, o que significa que o entorno contribui na constituição de minha identidade, mas precisamos estar abertos aos processos de mudança de nós mesmos, transformando a realidade, apesar de estarmos tentados a continuar sendo os mesmos num contexto diferente, novo. Em linguagem popular, o desafio está em aprendermos juntos a “fazer

do limão uma limonada”, onde o empenho e a dedicação de cada um são decisivos, no sentido de desenvolver competências e habilidades que potencializem a inteligência e a atuação coletivas no enfrentamento das novas dificuldades.

Situações de exceção impõem restrições e limitações de toda ordem, que também resultam em múltiplas oportunidades. Para efeito de ilustração, vamos considerar, apenas, o processo de comunicação que, em nosso caso, é decisivo porque é dimensão estratégica enquanto escola e família. A comunicação não acontece apenas por palavras – comunicação verbal. Somente estando nela por inteiro faz com que a mensagem seja completa, integral, inteligível... Nossos gestos, os olhares, o repuxar dos lábios, o franzir da testa, o sorrir... são elementos da denominada silenciosa “linguagem não-verbal”, que complementa o processo comunicativo. A comunicação é corporal, sinestésica. Pierre Weil (1986), com muita propriedade, diz que o “corpo fala”! O circuito comunicacional não se fecha se mal e mal ouço o outro, ou sequer o vejo (câmeras fechadas). Não há feedback! O “boçal” que usamos também contribui nisso. Impede que nos façamos entendíveis, abafa nossas palavras e impede o fluxo adequado do ar, este “meio” que faz chegar ao outro o que pretendemos comunicar – infelizmente também transmite o vírus - e assim atrapalha a convivência porque os vínculos afetivos ficam prejudicados. Até no universo familiar as “proximidades” foram se distanciando e o quarto virou o refúgio e o celular a companhia de nossos adolescentes/jovens, combinatória





potencialmente capaz de contribuir no desenvolvimento de fobias, ansiedade, depressão... A pandemia poderia, pelo menos, servir para a redescoberta do sentido do convívio e do diálogo familiares. O “filósofo popular” José Abelardo Barbosa de Medeiros (Chacrinha), com propriedade, sempre alertava: “quem não se comunica se trumbica”!

Aprendemos dos mais experientes que a repetição é característica formadora de hábitos na educação jesuíta, desde que precedida de uma constante programação mental que nos torna conscientes do que realmente desejamos. Formar novos hábitos, envolvendo nossos afazeres, nosso modo de proceder no “novo normal”, requer uma construção sistemática. Uma vez habituados, ou adaptados às novas circunstâncias, nossas condutas tendem a tornar-se rotineiras. Os neurocientistas chegam a afirmar que então passamos a agir, no dia a dia, movidos por estas novas “sinapses” que o cérebro elaborou e colocou à disposição da razão. Isto, no entanto, não significa que não sejamos mais impulsionados pelo instinto, pelo condicionamento, ou pela confiança mesmo! Subimos no ônibus sem nos preocupar em examinar cientificamente o motorista para certificar-nos de sua comprovada competência de nos conduzir ao nosso destino. Dirigimos nosso carro e entramos em casa e acendemos a luz sem pensar ou procurar pelo freio ou pela tomada. Por causa da automatização dos hábitos, na maior parte do tempo estamos no “piloto automático” e agimos sem usar a razão! Merleau-Ponty (1974) analisa em sua tese do “corpo-sujeito” nossas

condutas inconscientes e conclui que o “corpo sabe”, assim como a razão, que subutilizamos em larga escala no cotidiano, também o escolar.

Vivemos tempos excepcionais. Dois anos de “mudança” de rotina e de práticas de ensino para professores e de formas de aprendizagem para alunos e as adaptações das famílias contribuíram para que estes não mais se reconhecessem em seu lugar de aprendentes e aqueles em seu lugar pedagógico, a sala de aula. Embora desafios comuns a ambos e apesar de continuarmos com modelos educacionais de configurações tradicionais e de tendência conservadora, a maioria de nossos jovens abandonaram seu papel de aluno e alguns até mesmo a escola. O prolongamento da pandemia fez com que famílias, alunos e professores tivessem que deixar suas “zonas de conforto”, obrigando-se a aprender a conviver com os “des-confortos” implicados no “novo normal”.

Com o passar dos meses, graças à nossa imensa capacidade de superação de desafios e de adaptação às novas situações, principalmente tecnológicas, aos poucos, fomos criando uma nova zona de conforto, onde nos instalamos confortavelmente – alunos e professores – num outro ambiente que não a escola e a sala de aula: nossa casa e, no caso dos adolescentes/jovens, o quarto. Isto contribuiu fortemente para que nos centrássemos em nosso mundo familiar e nos esquecêssemos do coletivo, do público: a escola e de tudo que a constitui como tal. Segundo avaliação de alguns professores, confrontando o retorno “semipresencial”, com o



trabalho remoto não nos defrontávamos neste com as novas intercorrências do novo presencial: “equipamentos com problemas de funcionamento diuturnamente, com quadros-brancos inúteis, com câmeras não podendo ser utilizadas, com quedas sistemáticas do teams”... No sistema híbrido – aulas presenciais e remotas concomitantes – “os alunos de casa não respondem e os presenciais não estão nem aí”!

O compromisso da permanente atenção personalizadora e o cuidado com a formação integral de todos os nossos alunos, assumindo a sala de aula como o espaço da construção coletiva do conhecimento e da educação para a cidadania global pede novas estratégias de ensino/educação – os modelos remoto e híbrido ressuscitaram a aula expositiva, que já não tem mais “ouvintes” - metodologias mais ativas e interativas e conteúdos atuais e interdisciplinares. Nossos alunos são holográficos e pensam reticularmente. Estamos diante de uma realidade complexa - tempo de transição - que exige soluções didático-pedagógicas novas, corresponsáveis, coletivas, diferentes das convencionais, demandadas pelo conflito “remoto-híbrido-presencial”, que busque dialeticamente a superação destas adversidades e que produza uma síntese que incorpore novas metodologias, novos conteúdos e uma nova compreensão sobre ensinar e aprender hoje. Os jovens sofrem da síndrome da impaciência e não tem tempo a perder com uma educação que exige muito esforço para pouco prazer, tanto mais para uma educação para a vida toda (Bauman, 1999). A ocasião é oportuna para reinventar

nosso fazer pedagógico: menos fala do professor e mais construção dos alunos. É possível começar por aí desde que ambos demonstrem disposição para tal.

Ainda no remoto, os alunos, paulatinamente, “foram perdendo os hábitos de estudo e se tornaram indisciplinados, desmotivados e até ausentes...”. As aulas remotas, por um lado, nos protegeram contra o Covid-19, mas, por outro, foram contaminando nossas mentes de um certo subjetivismo ético e de um liberalismo moral, sobrepondo interesses pessoais aos coletivos, que facilmente nos levam à relativização das regras, sem as quais nenhum coletivo, ou comunidade sobrevive. O Colégio é o lugar da regra! Por excelência, o lugar da aprendizagem e da convivência. Há ainda uma agravante: em geral, percebe-se que o brasileiro não cumpre regras e isto inviabiliza qualquer coletivo, mesmo que este seja a Nação! Os que deveriam ser os guardiões da lei ajustam-nas a conveniências quando não as manipulam para contemplar interesses escusos.

Hoje, nossos alunos - habituados ao modelo remoto/individualizado – “são mais propensos a não seguir normas, tem dificuldades de observar protocolos sanitários, resistem se expor (abrir as câmeras), são menos participativos – entram nas aulas presenciais mudos e saem calados - estão de corpo presente e sem materiais, não largam o celular, fazem as atividades de qualquer jeito e até dormem em aula... Enfim, voltaram ao colégio, mas não para a sala de aula”! Estas questões todas são nossas



velhas conhecidas. O momento atual apenas as potencializou. Afora isso, não há nada de tão novo sob o sol!

Neste contexto, muitos exercem – talvez inconscientemente – “o poder de vítima”. É uma categorização psicológica daqueles que tentam culpar todo mundo pelos problemas e dificuldades, inclusive as próprias - segundo Sartre (1973): “o inferno são os outros” – e não querem assumir responsabilidades ou ter iniciativa de buscar soluções. Há situações em que precisamos de conhecimento e de virtudes não só para reconhecer, mas também para assumir que somos parte do problema, ainda que sempre tenhamos que ser parte da solução. Em nossa sociedade, a ideia de coletividade, de corresponsabilidade está muito prejudicada.

Todos percebemos e até sentimos um certo mal-estar social instalado entre nós, afetando nosso desempenho pedagógico e nosso clima institucional sempre tão saudável, acolhedor e de grande entreatajuda... em virtude da difícil situação atual, que nos acomete de doses elevadas de pessimismo, associado, por vezes, ao desânimo e à tentação da desistência, quando olhamos para o horizonte nebuloso da superação da Covid- 19. Parafraseando Platão (1993), podemos dizer que vivemos a condição de “prisioneiros da Caverna”, que não conhecem o significado e não compreendem o alcance da situação que nos aflige. Precisamos de um esforço coletivo para sair dela. Estamos inquietos e ansiosos por soluções, porque aparentemente não enxergamos um caminho e/ou uma luz no horizonte na atual conjuntura. De

alguma forma, são motivos que nos levam a pensar que estamos na condição de Diógenes, aquele filósofo que andava pelas ruas de Atenas, em plena luz do dia, empunhando uma lanterna. Quando abordado por que fazia aquilo, simplesmente respondia que estava à procura de um homem justo, que vivia segundo sua essência, longe das exterioridades das convenções sociais, correto e íntegro. Na condição de educadores inicianos somos chamados a ser “sal e luz”!

Uma explicação plausível para o contexto em que nos encontramos, do ponto de vista psicológico, é a frustração de nossas expectativas de que a pandemia estaria resolvida este ano e que o retorno à velha normalidade – “velha” só por oposição à nova normalidade – já estaria assegurada. Este saudosismo é um fator poderoso, gerador de cansaço, de stress, que começa a se manifestar em nossas irritações, intolerância, impaciência... Uma forma de enfrentamento do que está acontecendo e, parece, estar se agravando, passa pela compreensão de que as inovações tecnológicas vieram para ficar, pela resiliência, pela capacidade e pela tranquilidade de assimilar as dificuldades e pela busca de soluções conjuntas para os problemas que estão em nosso horizonte, “problemas nossos de cada dia”! O atual momento favorece a retomada de nossos princípios e valores pedagógicos, no intuito de, em fidelidade criativa, darmos uma nova configuração ao nosso modo de ser, de proceder e de dar conta de nossa condição de co-partícipes da missão da Companhia de Jesus.





O senso de realidade, a capacidade crítica e criativa e a firme disposição de cooperar no enfrentamento de todas os problemas e dificuldades – nossas e de nossos alunos – não passa por queixumes, lamúrias, pessimismos e omissões. Desabafar é necessário, fazer catarses igualmente e faxinas mentais, de vez em quando, são indispensáveis. No entanto, estes processos são válidos desde que sejam a expressão de um firme desejo de superação, de um convite à mudança, de um desafio de ação transformadora da realidade pela qual somos corresponsáveis e que está ao nosso alcance. Experiência e sabedoria não nos faltam!

A comemoração dos 500 anos da conversão de Santo Inácio pode ser uma oportunidade ímpar para o exercício do discernimento, - exige praticar a reflexão e refletir sobre a nossa ação - procedendo ao exame de consciência, ao final de nossa jornada diária de trabalho, no intuito de requalificar nossa rota educativa. Isto nos mantém centrados e reflexivos face à complexidade do dia a dia e evita permanecer enredados nos problemas. Ser mais e melhor é um compromisso diário e é uma questão de profundidade (Nicolas, 2012) e não de quantidade. Usar a imaginação, a sabedoria, a resiliência nos afazeres diários, incluindo nossas frustrações, conflitos e contradições ajuda a organizar nossos talentos e habilidades, o que facilita a resolução de problemas e o alcance dos objetivos educacionais institucionais. O otimismo fundado e a esperança em nossas lutas por dias melhores são esteios basilares de saúde mental e nos ajudarão a levar a bom termo nossa jornada intelectual,

pedagógica e existencial em qualquer tempo. Na condição de educadores inicianos somos desafiados a ser testemunhas de excelência humana e profissional, de integridade moral e de profundidade espiritual.

### 3. PERSPECTIVAS FUTURAS: CONTINUIDADES E RUPTURAS

*A pergunta que coloco para esta reflexão pode ser assim formulada: O que seria, hoje, um éthos para a educação humanizadora? A pergunta, em si, parte de alguns pressupostos: a) que a humanização não é um dado e que o seu contrário, a desumanização, é uma ameaça real; b) que o éthos – a casa onde moramos – pode ser uma herança de outras gerações, mas nem por isso deixa de ter o toque de nossa mão; c) que a educação tem a ver com o jeito que damos a esta casa e com o tipo de pessoas que sonhamos para ela.*

Danilo Romeu Streck

É tempo de aprender com a ruptura paradigmática causada pela pandemia e de aceitar o apelo de instigação à mudança que vem de toda a comunidade educativa: pais, alunos e professores. É hora de reconhecer a centralidade e a importância do diálogo com essa comunidade como ponto de partida para a compreensão de suas necessidades, discernindo-as à luz das complexidades e contradições que marcam o mundo de hoje. De um lado, a busca da excelência humanista; de outro, o desafio de fazer frente à competitividade inerente ao mercado de trabalho. Sob dada perspectiva, o fascínio da tecnologia e de seus múltiplos recursos; sob outro ângulo, o



reconhecimento de que o isolamento imposto pela pandemia comprometeu severamente a personalidade da relação professor-aluno.

Percebemos, mais do que nunca, a necessidade de reconfiguração do modelo ideal de escola que atravessa o nosso imaginário coletivo, mas é fundamental que evitemos as soluções imediatistas e tecnicistas, que tendem a associar toda e qualquer mudança à mera incorporação massiva da tecnologia ao ambiente da sala de aula. Na verdade, a mudança paradigmática que se exige das escolas na atualidade é de tal envergadura que não pode ser reduzida à utilização mecânica de novas ferramentas pedagógicas, por mais atraentes que elas sejam. Por outro lado, contudo, é mister reconhecer que já não se pode prescindir da incorporação efetiva e eficiente da tecnologia em todos os espaços da sociedade - entre eles, por óbvio, a escola. O que não se pode, porém, é acreditar que a tecnologia responde sozinha pela qualidade e pelo sentido das mudanças que se precisam implementar.

Nessa perspectiva, é preciso admitir, como passo preliminar, que a resposta pedagógica às demandas da época atual passa pela incorporação de metodologias que viabilizem o protagonismo e a participação dos estudantes e que ultrapassem a dimensão da aula expositiva tradicional. A pandemia trouxe à luz, de forma flagrante, aquilo que há muitas décadas já se sabia: precisamos de novas concepções pedagógicas que façam frente à obsolescência dos modelos consagrados de ensino, especialmente propondo a superação

de sua dimensão de transmissão mecânica e de recepção passiva. Abriu-se espaço para estratégias ativas de construção do conhecimento pelos estudantes, modificando-se radicalmente o papel dos professores, não só na sua relação com os alunos, mas também na sua forma de lidar com o conhecimento e de gerir o currículo. Instaura-se, cada vez mais, uma sala de aula centrada na participação e na colaboração, em que as propostas pedagógicas passam a se estruturar a partir das denominadas metodologias ativas, com maior ou menor mediação dos recursos tecnológicos.

Existem muitos formatos possíveis de aplicação das metodologias ativas na sala de aula, num espectro amplo de ofertas que se adequam a múltiplas áreas e a diferentes propostas pedagógicas: a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem baseada em investigação ou problemas, os modelos de estudo de caso, a técnica de trabalho entre pares ou equipes (Peer Instruction ou Team Based Learning), as contribuições do currículo STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts & Design e Mathematics), as técnicas de gamificação ou aprendizado por jogos e as metodologias centradas no trabalho maker e nos processos de fazer, ajustar e refazer (Maker e tinkering), por exemplo. Todos esses formatos ganham espaço num projeto pedagógico que pretende superar a passividade e engajar os estudantes em práticas de aprendizagem mais autônomas e significativas. Cabe, neste momento, aos gestores e equipes de coordenação pedagógica do Colégio, viabilizarem, como já vêm fazendo, o acesso dos seus profissionais a todos esses



recursos, garantindo-se uma apropriação crítica de suas potencialidades, inserida em uma moldura ampla de discussão de seus limites, possibilidades e pressupostos pedagógicos.

Na verdade, porém, a consolidação de uma mudança pedagógica efetivamente disruptiva não se esgotará nessa apropriação instrumental, ainda que ela seja premente e necessária. A verdadeira abertura para um nova concepção pedagógica, efetivamente capaz de conectar-se com a contemporaneidade, deverá centrar-se não na incorporação de novas técnicas de manejo ou mediação das ferramentas de ensino, mas em um projeto sólido de formação continuada, que transforme a escola em uma verdadeira comunidade educativa, em um espaço de troca e de interação constantes entre professores, alunos, pais e gestores. Nesse sentido, é fundamental que a escola se constitua e se reconheça como uma instituição que aprende e ensina de forma colaborativa e que não teme as mudanças, oxigenando-se e dinamizando-se a partir das suas (con)vivências e experiências. Nessa escola, as forças da tradição e da inovação serão sempre forças dialéticas de inspiração, numa interação às vezes mais fluida, às vezes mais controversa, mas sempre significativa. Neste cenário, inserem-se as necessárias atualizações das práticas pedagógicas pressionadas pelas modificações na vida em sociedade e, por extensão, no contexto escolar. A formação continuada torna-se, assim, uma experiência formativa capaz de articular conhecimentos anteriores com novas habilidades e desafios,

modificando de forma integrada a visão da teoria e da prática docente.

Portanto, não se trata de investir numa formação continuada reduzida a uma dimensão técnica de treinamento e adestramento, ou mesmo a programas de atualização, ainda que esses recursos possam contribuir para a qualificação e otimização do trabalho docente. Trata-se, antes de tudo, de compreender que uma verdadeira mudança paradigmática ultrapassa o imediatismo e o pragmatismo e exige uma concepção formativa mais ampla, mais profunda, de caráter crítico-reflexivo e de cunho emancipatório.

Além disso, a formação continuada centrada no exercício de uma reflexão crítica sobre a prática docente exige uma avaliação contínua dessa prática e uma superação dos riscos de que se superdimensionem os modismos de cada época, percebendo o processo de atualização não como treinamento técnico, mas como uma apropriação autônoma dos recursos, sempre cambiáveis, de cada momento histórico. Como afirmam Wengzynski e Tonetto:

Se não fosse assim, a prática reflexiva estaria reduzida a um enfoque limitado, identificada com treinamentos que poderiam ser consumidos por um pacote posto tecnicamente. Não obstante isso, o papel da formação continuada ganha nessa perspectiva, uma dimensão meramente técnica, esvaziando-se de seu caráter crítico e de motor no movimento que se espera a partir desta (WENGZYNYSKI e TOZETTO, 2012, p.6).

O fundamental é que os processos de formação pensados para responder aos desafios da época atual,



mormente pós-pandemia, sejam gestados a partir da experiência dos professores e da escuta dos anseios da comunidade e dos alunos, que querem uma escola capaz de fazer frente às suas inquietudes e aos problemas concretos do mundo contemporâneo e de seus múltiplos impasses e promessas.

Nesse desiderato, como em muitos outros âmbitos do trabalho em uma escola da Companhia de Jesus, podem inspirar-nos os cinco passos do paradigma pedagógico inaciano, consubstanciados nas dimensões de contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Concebidos como etapas que motivam, direcionam e adaptam os processos de aprendizagem, como afirma Klein (2002), os cinco passos ressaltam a relevância de se considerar que todas as dimensões humanas (mente, coração e vontade) estão sempre integradas na experiência educativa. Essa experiência é contínua e ininterrupta, e a própria escola, descrita idealmente como uma “instituição que aprende”, pode e precisa ser concebida como um espaço inesgotável de aprendizagem:

A organização que aprende é uma visão, um ideal a atingir, sendo difícil, ou praticamente impossível, detectá-la como existente em plenitude. Ela não encontra um destino final, estando sempre a caminho de sua realização, uma vez que há sempre algo para melhorar. A insaciabilidade do ser humano aponta, constantemente, para novas áreas ou dimensões a serem superadas (KLEIN, 2014.p 12).

Por conseguinte, todo o esforço de renovação deverá ter como baliza e substrato a convicção de que somos uma comunidade educativa com um carisma identitário, que se justifica a partir de um esforço coletivo de humanização, de reconciliação e de justiça. Como Colégio jesuíta, acreditamos na força impulsionadora de mudanças que sejam capazes de edificar o novo, preservando os alicerces da tradição. No mundo pós-pandemia, essa convicção só se reforça e ganha mais complexidade. Trata-se de reafirmar a centralidade dos estudantes no nosso *ethos* educativo, de reconhecer a importância do diálogo contínuo com a comunidade e de garantir aos professores, eixo central e propulsor das mudanças, uma formação continuada que seja capaz de responder às contingências do presente, consolidando-se não como técnica, mas como uma práxis constitutiva da singularidade de nossa identidade institucional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1996.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- IMBERNÓN. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O homem e a comunicação**. Rio de Janeiro: Bock, 1974.
- NICOLAS, Adolfo. Discurso en el 43º Congreso Internacional de la Federación Internacional de Fe Y Alegria (Cochabamba, Bolívia, noviembre de 2012).
- ORTEGA Y GASSET. **Meditação da Técnica**. Rio de Janeiro: Ed. Livro Ibero-americana, 1963.
- PLATÃO. Pereira. **A república**. Trad. Maria Helena da Rocha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PIERRE, Weil. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1986.
- KLEIN, Luiz Fernando. **A Proposta Pedagógica Inaciana está clara. E a mudança?** Minicurso proferido no 3º Congresso Inaciano de Educação. Itaipu, SP, 2002. Documento online – <http://eduignaciana.tripod.com/docum/sengeklein.pdf>.
- SARTRE, Jean Paul; HEIDEGGER. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- STRECK, D. O éthos de uma educação humanizadora. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 13, n. 1, p. 95-106, 6 ago. 2018.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio; BOHNEN, Aloysio. **Inácio de Loyola 1491-1991**. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 1991.
- WENGZYNSKI, D. C; TOZETTO, S. S. **A formação continuada face as suas contribuições para a docência**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 2012. 47. em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2107/513>.





## NOTAS BIOGRÁFICAS:

Cleiton Junior Gretzler nasceu em Itapiranga em 1977. Bacharel em Filosofia (2004) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia da Companhia de Jesus. Licenciou-se em Filosofia (2008) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2006) pela UNILASALE. Discente do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Gestão Educacional na UNISINOS. Atualmente é Coordenador do 6º ano a 3ª série do Ensino Médio no Colégio Anchieta e Diretor da Zwin: Comércio de Calçados e Acessórios LTDA. Tem experiência em docência em todos os níveis de ensino e em Gestão Educacional e de Empresas.

Camilo Birk, natural de Santo Cristo, RS. Bacharel em Filosofia e Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa. Bacharel em Teologia pela PUCRS; especialista em Educação pela PUCRJ. Professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa do Ensino Médio em escola pública e particulares. Vice-diretor de escola Pública Profissionalizante. Hoje exerce a função de Orientador de Convivência Escolar da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Anchieta, onde trabalha desde 1981.

Maria Isabel de Freitas Xavier, natural de Porto Alegre, é licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica. Trabalhou em diferentes Colégios da Rede Privada Porto Alegre e no Curso Anglo Pré-Vestibular. Desde 1983, trabalha como professora de Português e Redação na 3ª série do Ensino Médio do Colégio Anchieta, onde exerce também a função de Orientadora Pedagógica do Ensino Médio.